

Theatro da rua dos Condes



A revista *Tam-Tam*, que está em scena no theatro da rua dos Condes, é uma critica alegre do anno que passou, a que nem faltam os ditos de espirito, nem as situações comicas. D'entre as scenas que justamente foram applaudidas, destacaremos o *Olympo* e a *Cegarrega*, que são modelos no genero.

O desempenho é bom, merecendo especial menção a actriz Pepa, que pela maneira como diz o *couplet*, pela sua vivacidade e gentileza, deu alguns papeis esplendidos. Tambem é justiça citarmos os actores Alfredo de Carvalho, Gomes, Dias, Setta da Silva e Correia que cooperaram em grande parte para o exito da revista de Sousa Bastos.

HISTORIA DOS SETE DIAS

A' hora em que o descuidoso leitor vir esta chronica, está o senhor d'estes reinos caçando, na tapada de Mafra, mal-o sogro—ambos sem licença—e o Gonçalves da *Provincia* acabando de digerir o jantar que os vencidos da vida lhe offereceram, em paga dos dilates que o homensinho esguichou sobre a reputação d'um nobilissimo homem de letras.

E' natural que estes dois factos não tenham ferido maiormente o substracto pensante da cidade, porquanto nem das honrarias officiaes dadas ao conde de Paris se infere a sua reabilitação como cidadão francez, e como pretendente, nem das arremetidas do outro se compendia que o bom nome intellectual e moral 'um artista, como Junqueiro, seja menoscabavel um instante ahí com as injurias de qualquer artigoleiro de recados.

O espirito litterario do paiz não cahiu tanto, que alguém colha a serio o que pensa um reporter politico, sabido, mas falho, ácerca d'um homem d'arte; e como por outro lado, para fazer a autopsia d'um character, ser tolo não basta, resulta que todos os ataques dirigidos pelo aba direita da *Provincia*, ao poeta do *Finis Patriae*, pouco mais documentarão além da completa inferioridade moral de quem nos emprehende. Hoje, para fazer caminho, todos os processos quadram aos caminhantes, e para visionarmos a alma de certos ambiciosos que ahí formilham, não esqueçamos a fabula, que se é certo ter feito Mercurio, gallego dos deuses, em compensação foi-o erigindo tambem em orago dos malfeitores.

Em verdade o Golias de Junqueiro deve estar farto da provincia, e da nenhuma impressão que no Porto fazem as suas locubrações de jornalista. A capital desiumbra-o: é aqui que o seu repertorio d'anecdotas politicas, e que o seu museu de segredos que fazem empalidecer os homens dos inumeros partidos a que elle tem jurado lealdade, mais rapida e certamente devem fazer-lhe ganhar esporas de trunfo.

Gosos da vida, inherentes da idade obesa em que elle vae entrando, e que muito mais cedo puiram outros mais fortes, cuida que o trazem offegante tambem de roda d'um coio de janotas, entre nos celebre, paredes meias do paço e da nobreza, e que como vém, começa a ganhar na politica actual, preponderancia. Ora, todas estas coisas convergem. Ha um logar vago á meza dos vencidos, que Junqueiro deixou violentamente, no dia em que essa guarda de honra do rei, mais interessada pelas cosevilhices d'antecâmara, do que pela causa da patria, deu a nota do chasco cynico, no unisono d'indignações que alanceou todo o paiz.

Aquelle logar vago tem um preço. E para occupal-o um pigmeu sem nome, nem obra, pouco sympathico á maioria dos *cormorans soireux* que fizeram o cabelludo Soveral, plenipotenciario portuguez no *Foreign-Office*, e absolutamente necessario por banda do pigmeu, um sacrificio—qual o do cavallo á margem armar em cão. E o cão refila, vê-se, mas sem se esquecer, c'os olhos no talher vago, d'ir fazendo a reportage da sua propria hydrophobia. E' pelo menos o que consta d'este telegramma, precioso de desplante, que mais ou menos todos os jornaes tem publicado.

«Porto, 19, ás 5 h. e 10 m. da t.—O artigo de Gonçalves publicado hoje na *Provincia*, trãça, sangrento, o pertil politico, litterario e moral de Guerra Junqueiro»

«Consi-dera-se geralmente que as honras da victoria pertencem a Gonçalves.»

«A *Provincia* promete novo artigo no dia 21, sob o titulo de liquidação de contas.»

Hein? Está-se a ver como a caganifancia emana da administração d'um jornal com pouca venda.

Elogia-se o redactor pelos seus talentos, e recomenda-se ao publico os numeros subseqüentes. Eh! Eh! A victoria de Gonçalves! Lembra o general Gagachitas, de Perrault, este homensinho...

O Dia pergunta:

«A camara municipal, ou a direcção das obras do porto de Lisboa, já nos poderão informar d'onde provem os cheiros pestilenciaes que infectam Lisboa?»

Resposta:—Já. Vem da provincia.

No segundo acto da *Revista*, o *toilette* da Pepa, maravilhoso d'aereo e inaudito, consiste n'um *maillot* collante, a lhe moldar todos os vincos e meios limões, anteriores e posteriores, da estatura—o todo resguardado por uma renda tão leve e ephemera de trama, que um lambareiro dizia, boquiaberto, ao nosso lado.

—Repara-lhe na saia: é como essas redes que se poem por cima das queijadas... por causa das moscas.

O reporter Soares offerecendo em circular, aos jornaes do paiz, os seus serviços d'informador da expedição Moçambicana:

«... proponho-me, apesar de ser um dos novos no jornalismo, e não ser um talento dos mais precoces...»

Ai, menino, consola-te! Não és dos mais, mas tambem não és dos menos. Nem serás. E o motivo é por não... seres.

Partida da expedição.

O contingente d'artilheria, postado na ponte do Arsenal, ouviu o grito de marcha para o embarque. Um soldado, relanceando o olhar nosatalgico sobre as mulheres que ficam:

—Adeus, brancas!

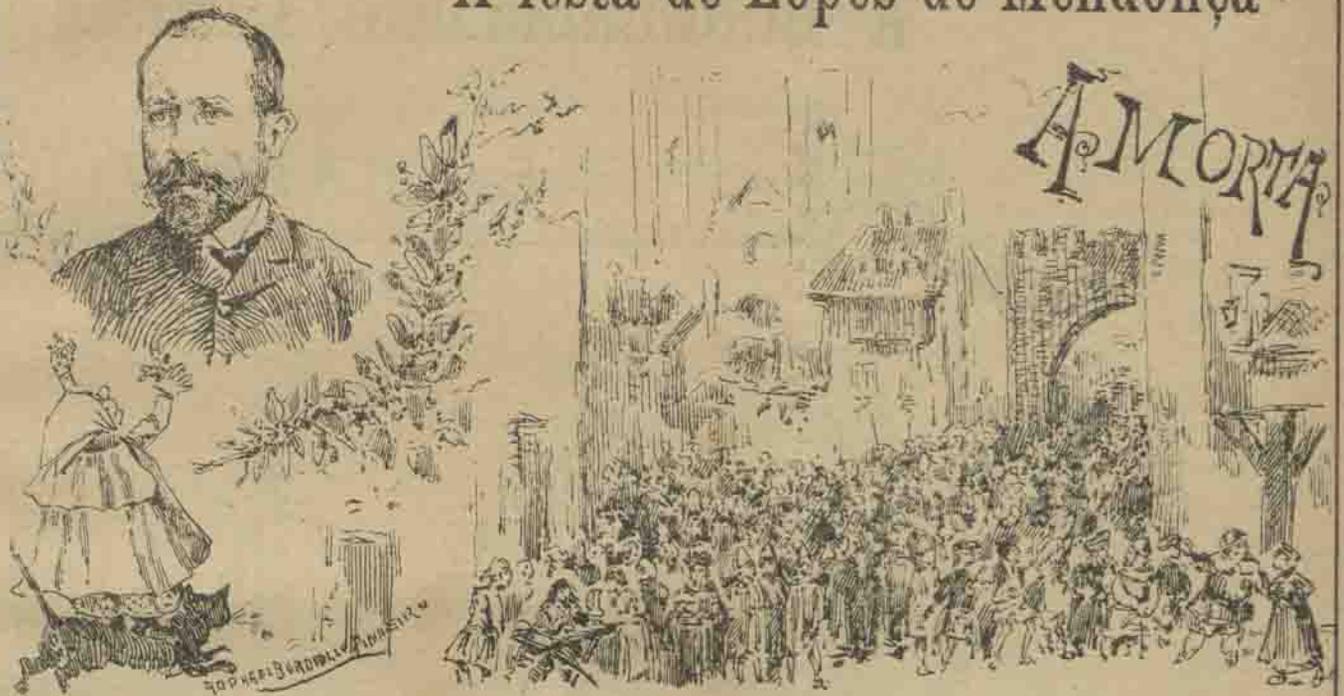
IRKAN

Três nomes illustres

Cesar e Alexandre aterraram o mundo, Vencedores em terra e em todo o mar sem fundo; Mas o teu nome, ó Congo, maior fama tem: Fala-se mais de ti que se falla em ninguém.

Um poeta portuguez ao saboeiro Victor Vaissier, Paris.

A festa de Lopes de Mendonça



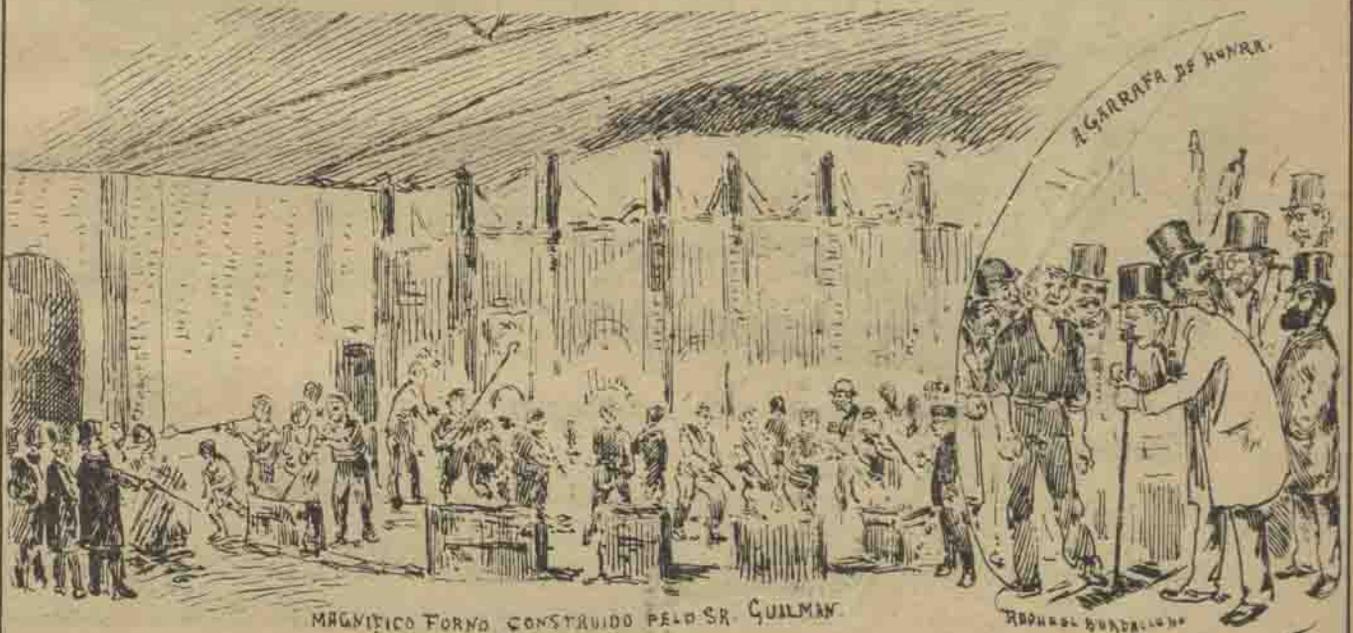
No sabbado realisa-se no theatro de D. Maria II a 15.ª recita da *Morta*, o drama historico de Lopes de Mendonça, que tanto exito tem alcançado.

As ovações feitas á *Morta* não significam nada mais do que um acto de justiça ao trabalho e ao talento do auctor do *Duque de Viçeu*, no momento em que affirmou as suas qualidades de dramaturgo em uma nova peça de largo folego.

A noite de sabbado, no theatro de D. Maria, é uma noite de festa para a arte portugueza, representada em um dos seus cultores mais dedicados, em um dos mais distinctos artistas de hoje, e, caso raro, um dos poucos que não dormem á sombra dos louros conquistados.

Saudamos antecipadamente Lopes de Mendonça e auguramos o maximo brilhantismo á recita que lhe é dedicada.

A FABRICA DA AMORA



Os croquis que hoje publicamos eram destinados ao numero antecedente, mas a estreiteza do espaço e o limitado do tempo foram estorvo a que publicassemos tudo.

Hoje repetimos o que então dissemos e fazemos votos para que a fabrica alcance o resultado que merece.

A GENERALÍSSIMA LYMPHA DO DR. CHRYSOSTOMO (o Koch nacional)

EXTRAPARTIDARISMO



Antes da operação

A operação

Depois da operação *M. Augusto Bordallo Pinheiro*
91

nnccandidothomaybrandiobocagecunhachrysostomo

(Para melhor compreensão d'esta estampa, queira o leitor ter a bondade de lêr nas paginas interiores as «Variações».)



A' força de andarmos todos os dias a inventar e a descobrir o que os outros paizes já ha muito teem inventado e descoberto, acabámos por inventar uma coisa que vae ser o assombro da Europa, quicá da America—e que já o é da Arcada...

Meus Senhores! Senhores sábios do Universo! Senhores políticos, senhores economistas, senhores estaístas, senhores machinistas de todas as machinas constitucionaes! Nós inventámos—o *extra-partidarismo*!

Outros inventaram o modo de abreviar a existencia dos tísicos, mettendo-lhes no corpo mais soffrimentos além dos que já lá tinham dentro. Nós inventámos o modo—por meio do *extra-partidarismo*—de prolongar a vida dos ministerios, mettendo-lhes no sangue mais ficções além das que já possuíam.

Cada terra com seu invento, cada povo com seu tormento... Quem inventa o que pôde, não é a mais obrigado!...

Desde o reinado do sr. Cypriano Jardim até ao reinado do sr. Mendonça Cortez, que esta terra—para muito breve egypcia—se limitava, como acima ouso avançar, a descobrir as descobertas e a inventar as invenções dos outros paizes.

O sr. Cypriano Jardim descobriu a direcção dos balões—já descoberta em Paris.

Um outro inventor nacional, cujo nome me não occorre, inventou um submarino—já inventado em França e em Hespanha.

E o sr. Mendonça Cortez inventa-nos a polvora sem fumo,—ha muito inventada em França e na Alemanha.

Assim limitados ao modesto papel de inventores das coisas de ante-mão pensadas, meditadas e inventadas, a nossa existencia era profundamente triste por falta d'uma ideia de genio que nos collocasse ao par dos paizes creadores por excellencia.

Só respondiamos com parodias aos ultimos inventos do seculo. Foi n'este estado de desanimo e de tristeza, que um homem de coração e de genio jurou inventar alguma coisa—ou morrer.

E d'este esforço sahio o *extra-partidarismo*, nova lymphá constitucional, para perserverar as instituições, do bacillus das crises ministeriaes e do bacillus das enxaquecas republicanas.



A composição d'este remedio é obra do sr. João Chrysostomo—o Koch nacional. Este remedio foi plenamente approved e aconselhado aos organismos constitucionaes em decomposição, por S. M. o sr. D. Carlos I—o Guilherme II d'estes reinos.

Eis como procedeu o sr. João Chrysostomo, depois de muitas noites de estudo e de insomnia.

Foi ao sangue em decomposição do partido *regenerador*, e extrahio-lhe todo o *bocage*—*bocage* velho *bocage* novo—que lá encontrou.

Em seguida foi ao sangue em desarranjo do partido *progressista*, e tirou-lhe todas as propriedades *ennes*, todos os corpos *candidos* e todas as qualidades *cunhas* que o sangue d'esse partido continha. E por ultimo agarrou-se a um grande enfermo de mal politico—o sr. Vaz Preto—e extrahio-lhe da medula todo o *thomazismo* lyrico e todo o *brandãosismo* judicial que por lá encontrou—e que Castello-Branco ainda não ousára corromper.

Seria fastidioso—pela sua aridez scientifica—descrever a preparação do remedio. Basta conhecer-lhe a composição.

Agora vejamos como se procede ao tratamento de instituições atacadas de crises ministeriaes violentissimas, agravadas de enxaqueca republicana.



A primeira operação, coroada do melhor exito, teve lugar no paço de Belem.

O veneravel *koch* João Chrysostomo, vestido de general (é essencial a farda de general para o bom exito d'estas operações) apresentou a lymphá ministerial da sua composição, com a indicação dos elementos que a compunham, a El-rei. Sua Magestade mandou então buscar os enfermos, e apontando para as Instituições—Que—Felizmente—Nos—Regem, exclamou:

—«Queira operar, João Chrysostomo!»

Esta phrase foi dita com a firmeza propria dos monarchas. Mas no rosto de S. M. plintava-se terrivel angustia...

Então o veneravel *koch* João Chrysostomo, empunhando a seringa de Pravaz, introduzio-a no cachaço das Instituições—Que—Felizmente—Nos—Regem...

Ouvio-se um immenso **Aii!**... Seria de agonia... ou de alivio?...

Ninguem o soube dizer—nem El-rei, nem o seu physico-mór.

E esperaram-se alguns dias pelos resultados.

Os resultados não se fizeram esperar... O **ai!** havia sido um grito d'alivio. As Instituições—Que—Felizmente—Nos—Regem, passaram dias depois a gozar d'uma saude invejavel, e a praticar todas as imprudencias, isto sem a menor manifestação de crise, ou de enxaqueca. Estavam salvas as instituições!

De então para cá, continuamos a não saber nada das negociações com a Inglaterra—e nenhum jornal se zanga com semelhante silencio.

Os inglezes invadem Manica, prendem Paiva d'Andrade—e não ha tumultos nas ruas, nem cae o ministerio, nem se fazem manifestações debaixo das janellas das legações.

Os jornalistas republicanos continuam a ser processados, a odiosa lei d'imprensa continua em vigor,—e os jornaes não protestam, e dos jornalistas os correligionarios pouco e nenhum caso fazem.

E por ultimo arranja-se um plano d'emprestimo que está destinado a fazer de cada habitante de Portugal um turco ou um egypcio de primeira classe—e as Instituições—Que—Felizmente—Nos—Regem não soffrem a mais ligeira crise, não sentem a mais leve enxaquece revolucionaria, o mais ligeiro calafrio republicano.



E' incalculavel a quantidade de lympha generalissima do dr. Chrysostomo, que tem sido pedida ao governo portuguez por intermedio dos varios ministros estrangeiros residentes em Lisboa.

Todos os paizes constitucionaes querem *extra-partidarismo* ás toneladas—se possivel fôr. A Hespanha, a Belgica, a Hollanda, a Austria, a Italia, sem fallarmos nas republicas sul-americanas, sollicitam todos os dias remessas do maravilhoso remedio.

Mas o veneravel *koch* João Chrysostomo, não satisfará a nenhum pedido, emquanto não submeter as Instituições—Que—Felizmente—Nos—Regem a novas experiencias.

Se engulirem, sem crise, um *tratado* da mesma composição do de 20 d'agosto, e um *emprestimo* com condições tão amargas como as do tal tratado—é que o *extra-partidarismo* é bom.

Só depois d'essa prova real é que serão permitidas experiencias no estrangeiro.



Depois de assignalar tamanha descoberta á admiração do meu paiz,—passarei a fallar-lhes da paciencia, mais que nazarena, com que Lisboa tem arrefecido e tem apanhado premonias successivas em S. Carlos, com um fim inexplicavel e até hoje occulto, pretextando que vae ouvir a *Aida* ou a *Norma*.

Eu quero crer que anda n'isto grande disfarce, e que nós estamos em presenca, não de amadores de musica, mas d'uma associação tenebrosa que alguma coisa conspira dentro d'aquelle theatro, sem temer a pneumonia e a morte, e a pretexto de que ali vae para ouvir a sr.^a Theodorini.

E tambem me parece que a sr.^a Theodorini faz parte da conspiração. Porque não sei se já notaram que, de cada vez que os seus admiradores vão ao theatro para ouvir aquella cantora—apparece o medico para dizer que a cantora adoeceu.

Quem nos diz a nós que a essas horas, em vez de estar no leito da dôr, como todos nós supponmos, a sr.^a Theodorini não anda, escondida na sombra, de chapéo sobre a cara e manto côr da noite, minando alguma coisa?...

E que a sr.^a Leonardi, não faz tambem parte da conspiração para, com as suas formas mais que seductoras, absorver as atenções dos commissarios de policia que assistem aos espectaculos—não lhes deixando uma só pinga de sangue-frio para poderem pensar na segurança do Estado?...

Anda em tudo isto *algo* de mysterioso. A sr.^a Theodorini não canta quando devia cantar. A sr.^a Leonardi deslumbra-nos quando o cartaz do dia não fallava nos deslumbramentos carnaes da sr.^a Leonardi.

Anda em tudo isto grande mysterio. E' necessario que os Antunes que são os esteios do equilibrio nacional, arregalem bem os olhos para o que se passa em S. Carlos. Allás podemos todos saltar pelos ares.

Quando está annunciado no cartaz uma *cantora*, dão-nos uma *formosura* e vice-versa. Quando está annunciada uma *bôa voz*... servem-nos uma linda *perna*.

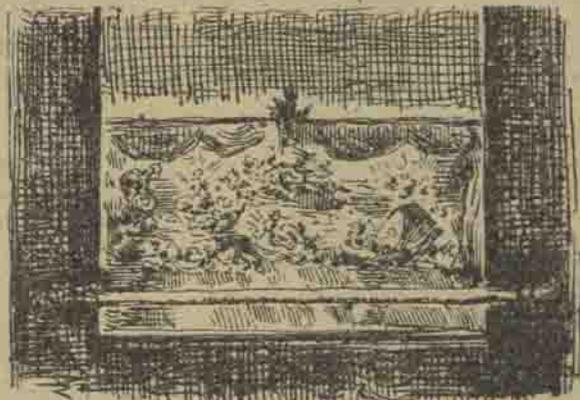
Não desdenhamos. Mas cada cousa e cada perna a seu tempo—e conforme os paladares.

QUIYAM.

ENTRE A SENHORA LEONARDI E.....



...A MONTRA DO MEU AMIGO LEITÃO.....

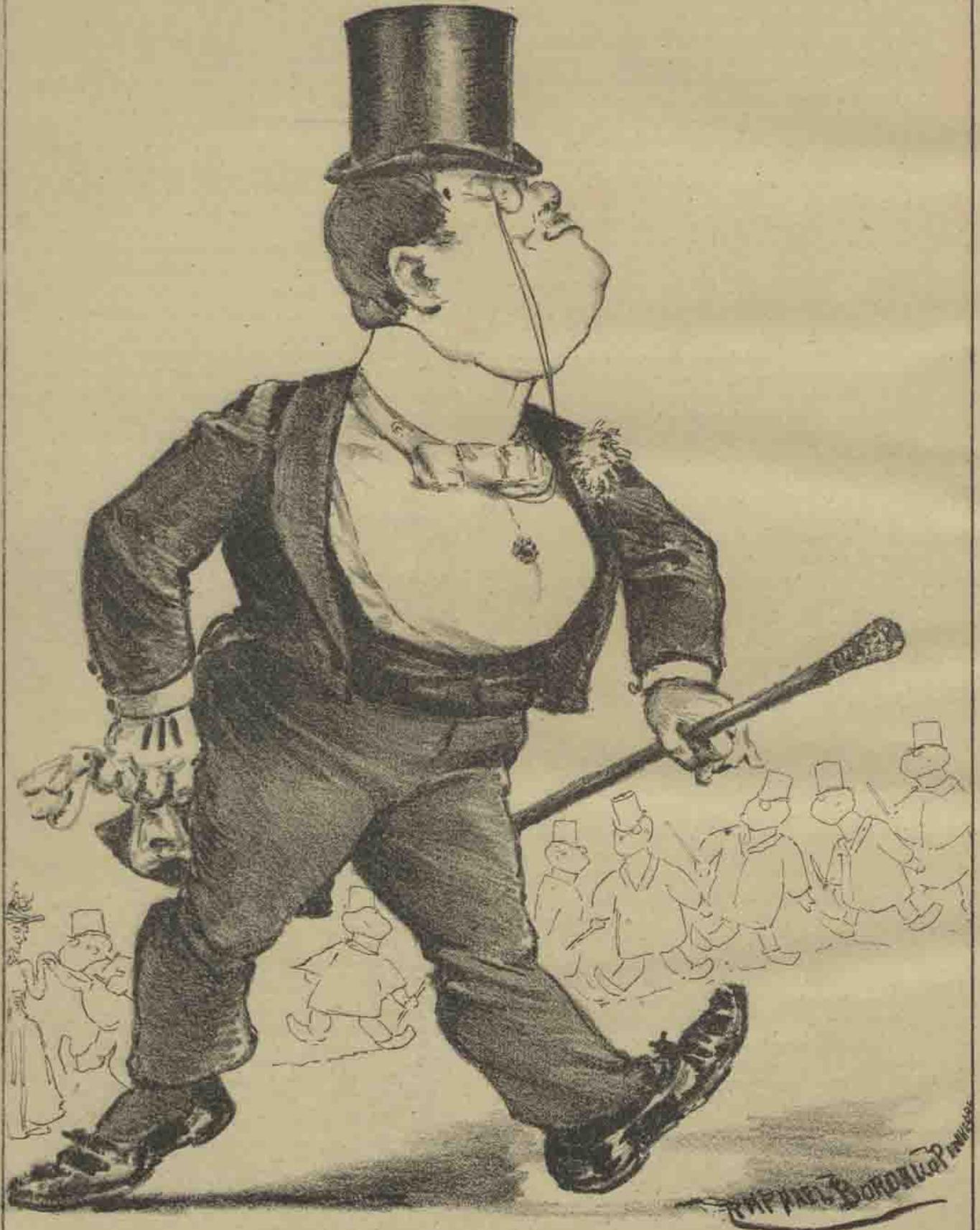


...PREFIRO A MONTRA, PORQUE NÃO CANTA

TRABALHO DE BARRALLO PINTADO

DIPLOMATAS DE EXPORTAÇÃO

O novo secretario de Londres



Cyrillos para inglez vêr